

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

LUCÍA SBAMPATO

**Espaço urbano e cultura:
a construção da Avenida Paulista como corredor cultural**

**São Paulo
2019**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Espaço urbano e cultura:
a construção da Avenida Paulista como corredor cultural**

Lucía Sbampato

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

São Paulo

2019

Resumo: O presente artigo se propõe analisar o vínculo entre espaço urbano e cultura na cidade de São Paulo, com o objetivo de entender como a cultura, com seu poder transformador, consegue impactar a construção e a desconstrução da urbe, assim como colaborar na concepção de espaços mais humanizados e inclusivos. Como estudo de caso, foi escolhida a Avenida Paulista, um dos principais cartões postais de São Paulo. A avenida, além de ser um centro econômico e financeiro, é um importante polo de lazer e cultura. Para esta pesquisa, realizou-se um trabalho de observação participante, que foi confrontado com uma análise de conteúdo dos sites institucionais dos equipamentos culturais localizados na Paulista.

Palavras-chave: Cidade. Cultura. Ocupação do espaço urbano.

Abstract: This article aims to analyze the link between urban space and culture in the city of São Paulo, with the objective of understanding how culture, with its transforming power, can impact the construction and deconstruction of the city, as well as collaborate in the design of more humanized and inclusive spaces. As a case study, Paulista Avenue was chosen, one of the main postcards of São Paulo. The avenue, besides being an economic and financial center, is an important pole of leisure and culture. For this research, a participant observation work was carried out, which was confronted with a content analysis of the institutional sites of the cultural facilities located in Paulista.

Keywords: City. Culture. Urban space occupation.

Resumen: El presente artículo se propone analizar el vínculo entre espacio urbano y cultura en la ciudad de San Pablo, con el objetivo de entender cómo la cultura, con su poder transformador, consigue impactar en la construcción y desconstrucción de la urbe, así como colaborar en la concepción de espacios más humanizados e inclusivos. La Avenida Paulista, una de las principales postales de San Pablo, fue elegida como caso de estudio para este artículo. Además de ser un centro económico y financiero, la Avenida es un importante polo de cultura y entretenimiento. Para esta investigación se realizó un trabajo de observación participante que fue confrontado con un análisis de contenido de los sitios de las instituciones culturales localizadas en la Paulista.

Palabras clave: Ciudad. Cultura. Ocupación del espacio urbano.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. ESPAÇO URBANO.....	6
3. A CIDADE CULTURAL.....	8
4. A CIDADE DA CONVIVÊNCIA.....	10
5. METODOLOGIA.....	11
6. ANÁLISE.....	11
6.1. A Paulista como corredor.....	12
6.2. Programação cultural na avenida.....	14
6.3. Arquitetura e organização do espaço.....	20
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a cidade sempre despertou o interesse e a curiosidade das pessoas e esteve no cerne de suas preocupações. Um espaço vivo, mutável, em constante transformação, atravessado por discursos e imaginários. Os indivíduos se relacionam, andam, riem, conversam, sofrem e vivem dentro dos limites urbanos. Deixam suas marcas na cidade e, ao mesmo tempo, ela também deixa suas marcas nos sujeitos que a habitam.

Hoje, mais da metade da população mundial vive em cidades; segundo o relatório *The World's Cities in 2016*, da ONU, aproximadamente 54,5% da população mundial é urbana. Para 2030 espera-se que a porcentagem aumente para 60%, o que significa que praticamente duas em cada três pessoas no mundo morará em cidades. Em vista disso, é indiscutível a importância de pensar o espaço urbano, as possibilidades e limitações que oferece e os desafios que enfrenta na atualidade para poder ser um espaço real, plural e integrador de convívio humano.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o vínculo entre espaço urbano e a cultura na cidade de São Paulo a partir do estudo de caso do corredor cultural da Avenida Paulista. Como a cultura, com seu poder transformador, pode tornar-se uma peça-chave na hora de projetar espaços mais humanizados. É importante entender como a sociedade se apropria do espaço urbano e o papel que a cultura desempenha nessa apropriação, reconhecer os diálogos e obstáculos que a cidade propicia como espaço físico-material, atentar para os múltiplos sentidos e imaginários que existem e circulam nos discursos sobre uma mesma cidade e trazer a reflexão sobre a relação público e privado na cultura e no espaço urbano.

Em São Paulo, a Avenida Paulista é um dos símbolos da cidade, um dos seus cartões postais mais representativos. Foi modificando-se junto com a metrópole, transformando-se a cada época. Na atualidade, é um dos centros financeiros mais importantes do Brasil e, além disso, um dos principais polos de lazer e cultura da cidade. A Paulista possui um número substancial de equipamentos culturais que continua aumentando ano após ano, além de prédios residenciais, escritórios comerciais e uma importante infraestrutura urbana. Aos domingos e feriados, a avenida se converte em um espaço aberto para os pedestres e fechado para os carros, de modo que a rua torna-se uma extensão da calçada. As pessoas ocupam e

se apropriam da avenida: caminham, praticam esportes, passeiam, participam das apresentações de músicos de rua e diversos artistas, entre outras atividades. Ao mesmo tempo, a Paulista foi e continua sendo palco de protestos e comemorações, tornando-se ponto de referência para toda a sociedade brasileira.

Este trabalho procurou realizar uma reflexão sobre o impacto dessas manifestações culturais na Avenida Paulista e, ao mesmo tempo, como a artéria urbana condiciona e imprime sua lógica nos equipamentos culturais que continuam aparecendo ao longo dos seus quarteirões e nas práticas culturais que se desenvolvem lá. Entender os relatos e discursos que circulam, os sentidos que são colocados em jogo e olhar os diálogos e obstáculos que a calçada e a rua possibilitam.

2. ESPAÇO URBANO

O que é uma cidade? A cidade é “um sistema dinâmico-complexo no qual a forma espacial e o processo social estão em contínua interação” (HARVEY, 1980, p. 24). É uma combinação de formas, pessoas, objetos, fluxos, lutas, informações, ruas, capitais, imaginários e edificações em constante transformação. O espaço físico-material da urbe funciona como base para que os moradores realizem seus trabalhos e atividades; é o espaço do cotidiano, o espaço em que os indivíduos desenvolvem suas potencialidades como humanos, assim como seus desejos e subjetividades. Ao mesmo tempo, as cidades são espaços de convívio e transação centrais para a sociedade contemporânea; intercâmbios, relações, vínculos e contatos são estabelecidos no seu tecido e nas suas fronteiras.

Para refletir sobre a relação entre cidade e cultura, é preciso não reduzir a urbe a edifícios, monumentos, prédios e avenidas. As metrópoles não são unicamente um fenômeno físico, a construção material do espaço, senão também os imaginários e práticas dos seus moradores, assim como os sentidos e relatos que circulam nos discursos que as habitam. São fenômenos expressivos, além de materiais, pois o espaço urbano (e o espaço humano em geral) é sempre significativo.

De acordo com Barthes:

A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a. (2001, p. 224).

Concebe-se uma ideia de cidade através do olhar próprio e do alheio, e tem-se opiniões do que se conhece diretamente, assim como do que nunca se viu. Todos os fragmentos discursivos a que se tem acesso colaboram para formular a representação da cidade. Versões menos ou mais completas, fragmentadas ou integrais, supõem muitas metrópoles numa só: a cidade econômica, a cidade cultural, a turística, a política, etc. Mas também a cidade da infância dos seus moradores, a das vivências de todas as pessoas que a habitaram, a das músicas que a cantam, a dos relatos que a narram e a das mídias que a retratam.

Dessa forma, entende-se que toda metrópole se apresenta como polifônica (CANEVACCI, 2004). Não é possível fixar um único significado do que se entende por cidade, do que se entende por metrópole. Comunica-se com diversas vozes que transitam o espaço de forma simultânea. Cada uma dessas vozes constrói e desconstrói o tecido urbano na esfera material e na esfera discursiva.

Se se pensa a cidade de São Paulo como exemplo, é impossível encontrar uma única forma de nomear, retratar e explicar a capital paulistana. São Paulo tem diversas características, peculiaridades, traços, fragmentos e contornos que a compõem, e nenhum deles exclui os outros. O recorte é inevitável, e esse recorte é uma construção que depende do olhar e das escolhas de quem está falando. O mesmo acontece com a Avenida Paulista, ícone da capital paulistana: não existe uma única visão, um único sentido sobre a avenida. A Paulista é tão polifônica quanto São Paulo. Múltiplos discursos e sentidos a habitam, tantos quantos os transeuntes que a percorrem dia após dia. Além disso, é preciso destacar que, já no fim do século passado, a cidade (e o mundo, como um todo) tornou-se um espaço técnico-científico-informacional, com uma racionalidade mercadológica com foco no lucro, em que o simbólico se colocou a serviço do mercado (SANTOS, 1994). Os espaços estão compostos por sistemas de objetos e sistemas de ações, como a soma de fixos e fluxos, e todas as informações e fluxos que circulam colaboram na globalização dos lugares. Diversos capitais e trabalhos circulam e se associam

dentro do espaço urbano. “Tudo é disposto para que os fluxos hegemônicos corram livremente, destruindo e subordinando os demais fluxos” (SANTOS, 1994, p. 14).

As cidades se transformaram no palco dessa crescente massa de informações, comunicações, tecnologia e dados que fluem pelo globo. Canclini argumenta que:

Na chamada sociedade da informação, propõe-se a criação de cidades do conhecimento. Em vez das urbes contaminadas pela concentração fabril, cidades impulsionadoras da renovação digital e informática, onde todos os setores tenham acesso a trabalhos inteligentes. Cidades desenhadas para propiciar um desenvolvimento econômico baseado no conhecimento científico, nas tecnologias avançadas de informação e numa fluida interconectividade global. (2008, p. 17).

Na atualidade, a importância de São Paulo para o Brasil não se dá

pela importância de sua indústria, mas pelo fato de ser capaz de produzir, coletar, classificar informações, próprias e dos outros, e distribuí-las e administrá-las de acordo com seus próprios interesses. (SANTOS, 1994, p. 76).

São Paulo é uma cidade comunicacional, em que o capital mais importante é ser um nó central da rede de operação e circulação de fluxos informacionais transnacionais do mundo globalizado, além de um polo de inovação e conhecimento. E a cultura está bem inserida nesses movimentos.

3. A CIDADE CULTURAL

Para pensar na cidade como espaço cultural, é importante repensar o que se entende por cultura. Cultura é uma palavra muito complexa a ser definida, cuja raiz vem do latim, do verbo *colere*, que pode significar cultivar, cuidar, habitar ou proteger; cuidar ou cultivar alguma coisa, sejam plantações, animais ou qualquer outro elemento. Com o passar dos anos, esse sentido original da palavra migrou da esfera agrícola para a esfera do desenvolvimento humano, do cultivo de grãos para o cultivo da mente (THOMPSON, 2011). Assim, o termo cultura ganhou um novo sentido e começou a ser utilizado para referir-se ao desenvolvimento intelectual e espiritual dos indivíduos. No fim do século XIX, esse primeiro sentido deu lugar a concepções antropológicas e simbólicas do termo, ligadas aos costumes, aos valores, às práticas, aos hábitos, às expressões e aos fenômenos simbólicos da

sociedade. Cultura começou a significar o modo de vida de uma comunidade específica num tempo e espaço determinado. Considerando o trajeto que o sentido do termo cultura fez ao longo da história, Thompson (2011) propõe uma nova concepção para a palavra cultura que denomina de estrutural. Com foco no caráter simbólico dos fenômenos culturais, o autor afirma que esses fenômenos sempre estão inseridos num determinado contexto sócio-histórico.

Entretanto, se consideramos que “a vida social não é, simplesmente, uma questão de objetos e fatos que ocorrem como fenômenos de um mundo natural” (THOMPSON, 2011, p. 165) e que todas as ações e expressões constituem material significativo pronto para ser interpretado, o espaço urbano e sua ocupação e apropriação podem ser considerados como fenômenos culturais. Se os fenômenos culturais são formas simbólicas enraizadas em contextos estruturados, a análise cultural “deve ser vista como o estudo da constituição significativa da contextualização social das formas simbólicas.” (THOMPSON, 2011, p. 181). As características dos contextos sociais não só moldam a produção simbólica social, senão também a forma como essa produção é recebida, consumida, interpretada e valorizada pelos sujeitos.

Pensando nas metrópoles contemporâneas, no final do século XX, “a competição internacional entre as cidades produziu uma mutação das tradicionais cidades industriais em cidades de arte ou de cultura” (CANEVACCI, 2004, p. 38). Dentro das novas lógicas de consumo e vínculos que se forjaram nesses anos, existiu uma expansão do conceito de cultura como meio para revalorizar as cidades. Desde um ponto de vista das novas demandas do mercado, para posicionar as cidades como “culturais”, começou a repetir-se em vários lugares uma série de intervenções no espaço físico das urbes: revitalização de centros históricos, modernização de orlas fluviais e marítimas, abertura de novos museus e centros culturais e transformação de antigas edificações industriais em espaços de lazer. Esses processos, que são bem complexos, impactaram muitas vezes nas subjetividades das cidades, provocando às vezes renovação e perda de identidade cultural, social e histórica dos espaços e causando processos de gentrificação de áreas urbanas.

4. A CIDADE DA CONVIVÊNCIA

Hoje em dia, a cidade é o principal espaço de convivência dos indivíduos. As pessoas circulam, trabalham, percorrem, desenvolvem-se e intercambiam de tudo nas urbes. É o lugar da interação, da comunicação e da solidariedade, mas também da discriminação, da apatia e da indiferença. Todos esses momentos de troca (ou de não-troca) se dão dentro das possibilidades e potencialidades que a cidade física-material permite. Como Santos sinaliza:

A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais; e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso, a cidade é o lugar da educação e da reeducação. Quanto maior a cidade, mais numeroso e significativo o movimento, mais vasta e densa co-presença e também maiores as lições e o aprendizado. (1994, p. 40).

Na atualidade, embora uma enorme quantidade de pessoas more nas cidades, elas estão afastadas dos espaços públicos que ali existem. Não ocupam o urbano e não compartilham a vida pública com outros moradores. Bauman aponta que o entorno urbano deve ser “civil” para que os indivíduos aprendam e exerçam as competências que o autor, segundo Sennett, denomina de “civildade”.

A principal característica da civildade é a capacidade de interagir com estranhos sem utilizar essa estranheza contra eles e sem pressioná-los a abandoná-la ou a renunciar a alguns dos traços que os fazem estranhos. (BAUMAN, 2001, p. 133).

A criação e a manutenção de espaços públicos e abertos que estimulem os encontros para aprender, brincar, compreender e conhecer com o outro constituem um desafio para a sociedade contemporânea. Sem espaços de convivência real, o contato com o outro se reduz. É necessário contar com um entorno em que as pessoas possam compartilhar como *personas* públicas e se sintam bem-vindas para ocupá-lo. Espaços que respeitem e integrem todas as diversidades.

Também é vital repensar as ruas, avenidas e calçadas. Como são desenhadas e utilizadas, se são espaços de passagem ou se fomentam o convívio entre as pessoas. Olhando novamente para São Paulo e especialmente para a Avenida Paulista, como uma das artérias principais da cidade, é relevante estudar como se comporta a própria avenida, as edificações e instituições que a ocupam, os meios de transporte que a atravessam e os indivíduos que a habitam e transitam, a

fim de observar os tipos de intercâmbios, contradições, divergências e proximidades que se estabelecem entre os atores.

Nesse cenário, a cultura pode proporcionar horizontes para pensar a cidade e seus espaços de forma significativa, para uma convivência social real e para que a relação indivíduo-cidade extrapole as dimensões das obrigações e do trabalho.

5. METODOLOGIA

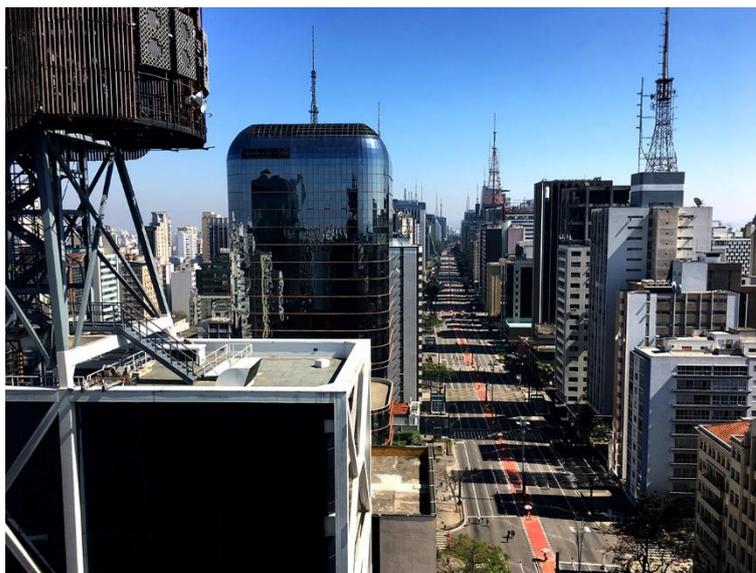
Para realizar o trabalho de pesquisa foram utilizados os seguintes procedimentos: análise bibliográfica e observação participante, assim como uma análise de conteúdo, de caráter secundário.

A análise bibliográfica foi efetuada a partir das seguintes temáticas: cidade, cultura e ocupação do espaço público. A observação participante aconteceu em novembro de 2018 na Avenida Paulista, local escolhido como objeto de estudo deste trabalho. A observação foi confrontada com uma análise de conteúdo dos sites institucionais dos equipamentos culturais da Avenida Paulista e outros materiais institucionais digitais e impressos relacionados à programação e ao conteúdo dos equipamentos culturais.

6. ANÁLISE

A Avenida Paulista é um dos cartões postais mais representativos de São Paulo; é o centro econômico e financeiro da cidade, além de um importante polo de lazer e cultura. Por toda sua extensão, congrega prédios residenciais e escritórios comerciais, uma importante infraestrutura urbana (lojas, restaurantes, livrarias, parques, ciclovias, estações de metrô, pontos de ônibus, etc.) e um número substancial de equipamentos culturais.

Figura 1 – Avenida Paulista



Fonte: Sbampato, Lucía (2018).

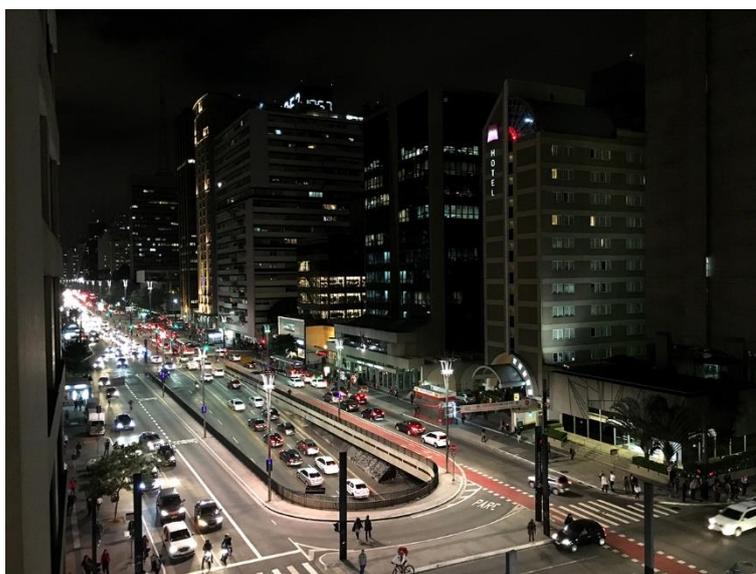
6.1. A Paulista como corredor

Todos esses estabelecimentos estão distribuídos de forma contínua ao longo da avenida. Pode-se observar um prédio residencial, a sucursal de um banco, um museu, um pequeno supermercado, um ponto de ônibus, edifícios de escritórios, uma galeria com diversas lojas e um boteco com mesas na rua, um do lado do outro, no mesmo quarteirão. Com seus 2,8 quilômetros de comprimento e sua topografia plana e larga, permite uma circulação fluida das pessoas nas calçadas, amplas para o padrão de São Paulo, assim como dos carros que circulam pelo asfalto. No meio da avenida, entre as faixas de automóveis, também foi construída uma ciclofaixa de mão dupla para ciclistas. No subsolo, circula uma linha de metrô com três estações que se localizam especificamente embaixo da avenida. Essa concentração de atividades, estabelecimentos, meios de transporte e indivíduos constrói a ideia da Paulista como corredor urbano.

Além dessa proximidade e concentração física de estabelecimentos e serviços, visível aos olhos de todo indivíduo, existem fluxos de informação contínuos que atravessam diariamente a avenida. Dados e discursos se concentram nesses quarteirões da cidade, que reforçam a Paulista como polo financeiro, econômico e de importante valor simbólico. Em seus prédios existem inúmeros escritórios, das mais variadas atividades e negócios, além de instituições financeiras e veículos de

comunicação, representando forças que, com suas tomadas de decisão, impactam o cenário político e econômico em um nível local, nacional e internacional. O fluxo informacional que se aglomera na Paulista é de caráter hegemônico e é um dos principais motivos que a tornaram o centro de poder que hoje em dia representa para o Brasil e para a esfera global. Nessa via paulistana, os fluxos se classificam e distribuem conforme o interesse e a conveniência de alguns e impactam a vida de todos.

Figura 2 – Avenida Paulista à noite



Fonte: Sbampato, Lucía (2018).

Assim sendo, a Paulista é o principal palco de manifestações da metrópole. Quando os paulistanos decidem sair para a rua para pronunciar seu descontentamento ou apoio, a Avenida vira ponto de encontro, de passagem ou de finalização dos protestos. Mesmo sem ser o local em que se encontra a prefeitura da cidade ou outras secretarias e instituições governamentais que representam o poder político, o eixo da Paulista é escolhido pela sociedade para se pronunciar. Essa preferência se deve justamente à carga simbólica que ocupa no imaginário coletivo por ser um dos principais centros de poder econômico do Brasil. É lá que as coisas acontecem, é lá que as possibilidades de ser ouvidos e enxergados se tornam mais plausíveis segundo a visão dos cidadãos.

Em meio a esse agito que é a Avenida Paulista, encontram-se numerosos equipamentos culturais que outorgam à artéria paulistana outra das suas

características fundamentais: ser um polo de lazer e cultura. Diversos centros culturais e museus estão situados na Avenida Paulista, tais como: a Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura; a Japan House; o Sesc Avenida Paulista; o Itaú Cultural; o Museu de Arte de São Paulo – MASP; o Centro Cultural Fiesp e o Instituto Moreira Salles – IMS. Cabe destacar que dois deles foram abertos no ano de 2017 (a Japan House e o IMS) e um deles, o Sesc Avenida Paulista, reabriu suas portas em 2018 depois de atravessar uma reforma de quase sete anos. Também é possível encontrar na avenida várias livrarias, como a Livraria Cultura, no Conjunto Nacional, e a Livraria Martins Fontes; e cinemas, como o Reserva Cultural, o Cinearte e os cinemas dos shoppings Cidade de São Paulo e Pátio Paulista. Dessa maneira, a Paulista converte-se no local com a maior programação cultural por metro quadrado da capital paulistana.

Se a avenida, pela sua infraestrutura e relevância, pode ser pensada como um corredor urbano e de fluxos informacionais, essa concentração de equipamentos também permite pensá-la como um vasto corredor cultural. Ao poder econômico, político e discursivo se soma também sua influência na pauta cultural. A presença de estabelecimentos de lazer e cultura impacta a percepção desse eixo central de São Paulo, pois, além de ser um local de trabalho e moradia para muitos paulistanos, também se torna um local de recreação e lazer.

6.2. Programação cultural na avenida

Cada uma das instituições localizadas na Paulista, com suas peculiaridades e objetivos, colabora para compor uma ampla programação de atividades, oficinas, instalações e exposições culturais para moradores e visitantes.

O MASP, que foi fundado no ano de 1947 e localiza-se desde o ano de 1968 na Paulista, é um dos mais importantes museus da cidade e do Brasil. Seu acervo é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e possui uma relevante coleção de obras de arte latino-americanas. Na programação, apresentam-se exposições que combinam o acervo do próprio museu com exibições de artistas brasileiros e também coleções de museus de outros países do mundo.

No caso da Japan House, todas as exposições e atividades realizadas têm uma relação com a cultura japonesa. Foi fundada pelo governo japonês com o intuito de difundir elementos da cultura nipônica para a comunidade internacional através de diversas ações. Em novembro de 2018, por exemplo, apresentou uma mostra do trabalho de um designer de moda japonês sobre a moda contemporânea e a moda do futuro, e uma exposição de uma dupla de artistas que montaram três instalações imersivas e sensoriais que refletem sobre as fronteiras entre artes visuais e arquitetura.

O Sesc Avenida Paulista é o centro com o maior número de atividades da avenida, com propostas bem diversas que atraem públicos de todas as idades, gêneros e de múltiplos interesses. Durante a observação participante realizada para este artigo, verificou-se que em sua programação encontravam-se oficinas de muralismo, aulas de esporte para crianças, pilates para adultos, uma exposição imersiva que tem como temática central refletir através de experiências sobre a existência das bibliotecas, oficinas de horta urbana, workshops de encadernação artesanal e uma feira de troca de livros latino-americanos, entre outras atividades. Muitos dos programas são gratuitos e outros possuem ingressos a preços bem econômicos.

Para citar outro exemplo da amplitude da oferta que é possível aproveitar na avenida, o IMS Paulista apresenta exposições de fotografia e artes plásticas, além de dispor de uma programação de cinema mensal. As exposições são realizadas com o acervo do instituto, em parceria com alguma outra instituição cultural ou com coleções de fotógrafos brasileiros ou internacionais.

Figura 3 – Exposição de fotografia no IMS Paulista



Fonte: Sbampato, Lucía (2018)

Todos esses exemplos servem para perceber que a agenda da Paulista é múltipla e heterogênea. Aos domingos e feriados, a própria Avenida Paulista se converte num equipamento de lazer e cultura ao ficar aberta exclusivamente para os pedestres. No dia 24 de junho de 2016, o ex-prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad, assinou o decreto 57.086, oficializando o Programa Ruas Abertas. Essa política promove a ocupação das vias públicas de vários bairros paulistanos, abertas para os pedestres e fechadas para os carros, aos domingos e feriados. A campanha para tornar realidade esse programa começou no ano de 2014, e o movimento foi liderado por agrupações sociais (como Sampa Pé e Minha Sampa) que procuram promover uma melhor e maior convivência na cidade, repensando e gerando novos espaços de encontro e formas de circulação. Esses coletivos começaram a pressionar o poder público para colocar na pauta a ocupação da avenida aos domingos pela sociedade. No entanto, foi depois desse símbolo da metrópole ficar aberto exclusivamente para as pessoas pela primeira vez, durante a inauguração da ciclofaixa da avenida no domingo 28 de agosto de 2015, que o poder público se convenceu de que seria uma excelente iniciativa deixar a rua aberta todos os domingos e feriados do ano.

A possibilidade de poder percorrer a Paulista de ponta a ponta pelo asfalto, que na maior parte do tempo está reservado para os carros, é uma experiência relativamente nova para os paulistanos e visitantes da maior metrópole brasileira.

Das 10h00 às 18h00, a via é ocupada por pedestres, ciclistas, artistas de rua, *skaters*, corredores, rodas de capoeira, pessoas andando de *rollers*, som de tambores, aulas de ginástica aeróbica, piqueniques, shows musicais, pessoas passeando com cachorros, crianças de patinete, bailes e aulas de samba-rock, etc. Assim, convivem e competem pelo espaço da Paulista práticas diferentes que geralmente não costumam se encontrar juntas num mesmo espaço e que se convertem numa “oferta” para os indivíduos que percorrem a área: é possível assistir música ao vivo, andar alguns quarteirões e se deparar com venda de artesanato local, continuar caminhando e encontrar uma roda de capoeira de um lado e um homem dançando de outro – tudo na extensão de uma das avenidas centrais da metrópole. São estímulos tão diversos quanto o público que circula; acontecem de forma simultânea, como uma cadeia sem fim de expressões e manifestações. Cada expressão deseja ter seu lugar na avenida. Essa ocupação e apropriação do espaço reforça ainda mais a ideia da Paulista como corredor urbano e, principalmente, como corredor cultural. Todo esse fluxo construído e vivenciado pela sociedade aos domingos é cultural e representa a cultura paulistana.

Figura 4 – A Avenida Paulista aberta aos domingos



Fonte: Sbampato, Lucía (2018).

Algumas das manifestações que predominam na Avenida Paulista aberta são as apresentações de músicos de rua. O lugar estar livre de carros permite que muitas pessoas se reúnam ao redor dos artistas para ouvir as músicas no meio da avenida. A rua se torna uma extensão da calçada, permitindo que as pessoas

possam circular e ao mesmo tempo tenham a possibilidade de se deter para ouvir canções. Podem escutar-se várias melodias se misturando ao longo do caminho, ritmos diversos que vão ocupando o logradouro: rap, covers da banda Legião Urbana, tambores, sertanejo universitário, MPB, etc. Ao mesmo tempo, os músicos de rua ganham um espaço para se apresentar, para aproximar o trabalho que eles fazem, sem depender do circuito de música comercial de São Paulo. E não é qualquer avenida que está abrindo o espaço para que isso aconteça: é a própria Paulista, a avenida mais paulistana de todas. Para os músicos de rua, o valor simbólico desse eixo também influencia na escolha de apresentarem-se lá e não em outro ponto da cidade.

A programação musical da avenida não está unicamente pautada pelos músicos de rua: o Centro Cultural Fiesp oferece shows musicais vários domingos ao ano na Paulista. Na frente do Centro é montado um pequeno palco e as pessoas ficam na calçada e no asfalto assistindo as apresentações promovidas pela Fiesp e pelo SESI-SP. O Programa Ruas Abertas também proporciona outro uso do espaço por parte dos museus e centros culturais que se encontram na avenida, ocasionando uma nova relação entre público e privado, bem como novos vínculos entre os equipamentos culturais e a sociedade. No caso do Centro Cultural Fiesp, vale-se da abertura da avenida para oferecer uma programação musical na calçada da instituição. Com essa proposta, potencializa-se ainda mais a apropriação do espaço público por parte da sociedade e o intercâmbio do próprio centro cultural com os moradores e visitantes da metrópole, assim como a ligação entre a avenida e o equipamento cultural.

Outro exemplo de como a abertura da Paulista aos domingos e feriados permite diálogos com os equipamentos culturais situados na avenida é a experiência do Sesc Avenida Paulista com o “Fusca Literário: Feira de troca de livros latino-americanos”. Aos domingos de novembro e alguns domingos de dezembro de 2018, a esquina do Sesc se converteu em um espaço de intercâmbio para que os visitantes pudessem trazer seus próprios livros de literatura para trocá-los por outros títulos. Além de ter posicionado um fusca amarelo na calçada da Avenida Paulista, foram colocadas mesas com livros e cadeiras de praia para que as pessoas possam sentar-se e ler. Essa ação tinha como objetivo a sensibilização pela literatura e estava vinculada à programação que o Sesc tinha em cartaz na época: a exposição

“A Biblioteca à Noite”, também relacionada ao mundo da literatura, das bibliotecas e do livreiro. O interessante do “Fusca Literário” é a aposta de realizar a feira de troca fora das paredes do Sesc, conectando a exposição que acontecia dentro da instituição com a calçada da Paulista e com as pessoas que circulavam pela zona; uma forma de expandir os muros do centro cultural para a cidade e para a avenida em que se encontra. O público e o privado se encontram nessas ações. E propor uma troca de livros na própria avenida e colocar cadeiras é uma forma de estimular a convivência e o intercâmbio entre pessoas que não se conhecem através da cultura e numa zona pública.

Figura 5 – Fusca Literário no Sesc Avenida Paulista



Fonte: Sbampato, Lucía (2018).

Pela proximidade física entre todos os equipamentos culturais situados na Avenida Paulista, as possibilidades de troca e trabalho coletivo também se expandem. No começo de março de 2018, seis deles (a Casa das Rosas, a Japan House, o Itaú Cultural, o MASP, o Centro Cultural Fiesp e o IMS) se juntaram pela primeira vez em um domingo para oferecer uma programação cultural integrada e gratuita, como forma de incentivar a arte e a cultura na cidade e estimular a visitação de públicos diversos. Além desses museus e centros culturais, outros espaços que ficam na avenida ou que se encontram bem próximos a ela tiveram uma programa o especial nesse domingo de março, como o cinema Caixa Belas Artes, o Cinearte, o Espaço Itaú de Cinema, o Instituto Cervantes, a Livraria Cultura e o Mirante 9 de Julho.

A ação foi batizada como “Paulista cultural”, e as atividades eram voltadas à música, ao teatro, às artes plásticas e visuais, ao cinema, à fotografia, à dança e à literatura. A “Paulista cultural” se inspirou no “*Museum Mile*” da cidade de Nova York, nos Estados Unidos, que congrega anualmente os museus da 5ª Avenida, oferecendo nesse dia atividades exclusivas e gratuitas para todos os visitantes. A “Paulista Cultural” envolveu uma série de intercâmbios entre os equipamentos culturais. Cada espaço, além de propor para o público a programação própria em cartaz, abrigou atividades dos outros centros culturais e museus: o MASP teve uma Oficina de Furoshiki (técnica tradicional de embrulho japonês) organizada pela Japan House; a Casa das Rosas recebeu uma oficina de serigrafia do IMS; o Itaú Cultural sediou um “aulão” de dança ao estilo Batekoo do MASP; a Japan House abrigou a Ação Polvos Poéticos de poesias da Casa das Rosas; entre outras experiências. Com a programação proposta, cada pessoa montou seu próprio roteiro e visitou as atividades que escolheu, enquanto aproveitava a avenida aberta para pedestres, que permitia um andar fluido e contínuo entre um equipamento e outro.

Esse tipo de experiências reforça ainda mais o posicionamento da Avenida Paulista como um importante corredor cultural em São Paulo. Para que o eixo da Paulista seja um corredor cultural, não é suficiente ter uma alta concentração de equipamentos culturais em seus quase três quilômetros de comprimento e ser reconhecida como polo de lazer pela concentração de equipamentos na zona. Converter-se em um corredor cultural é proporcionar novas formas e fluxos que possam surgir da articulação de todos os elementos que compõem a avenida. Promover novas práticas através de combinações, interpelações e conjunções de todos esses fenômenos que abrangem e são a Paulista.

6.3. Arquitetura e organização do espaço

A proposta arquitetônica da avenida e dos equipamentos culturais, a forma em que ocupam o espaço físico-material pode ou não fomentar o convívio social e o diálogo entre cidade e sociedade, assim como entre cidade e equipamento cultural. Dependendo de como os estabelecimentos pensaram suas calçadas, suas portas de ingresso e outras áreas, conseguem possibilitar momentos de troca e interação real

entre os indivíduos para que possam compartilhar momentos como pessoas públicas.

Vários dos centros culturais da avenida possuem na calçada bancos para que os transeuntes possam se sentar na rua, como é o caso do Sesc Avenida Paulista e do Itaú Cultural. No Itaú Cultural, o assento ocupa praticamente toda a fachada do edifício. Na maioria das vezes, o banco ganha uma intervenção de arte urbana que pode estar relacionada com as exposições da programação. Por exemplo, em novembro de 2018, com a “Ocupação Ilê Aiyê” em cartaz, o encosto do assento tinha motivos africanos. Dessa maneira, a bancada não só convidava a ocupar o espaço público, como também se transformava numa continuação da exposição montada no térreo do Itaú Cultural, conectando a cidade com a proposta cultural da instituição. No caso do Sesc, colocaram-se pranchas de madeira no canteiro localizado na frente do prédio para, assim, torná-lo um grande e confortável assento. As pessoas se sentam, descansam, esperam, ficam conversando e olhando a avenida. Essas duas intervenções, nas calçadas do Itaú Cultural e do Sesc, são um meio de convidar as pessoas, chamá-las a que ocupem esse local. O banco sinaliza que esse fragmento de calçada não é só de passagem: é de permanecer, de ficar, de usar, de estar, de deter-se. Se outros canteiros da avenida foram desenhados de tal forma que ninguém consegue se sentar ou deitar na calçada, intervir no espaço de forma explícita para que as pessoas possam se sentar ou deitar transmite uma mensagem clara do que significam cidade e espaço público para essas instituições culturais.

O projeto arquitetônico do MASP é o que propõe o maior contato com a Avenida Paulista: o museu é praticamente uma grande caixa suspensa no ar com um enorme vão livre embaixo que parece continuação da avenida. Esse desenho realizado pela arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi transforma o que poderia ter sido a base do museu numa extensão da calçada. Como o quarteirão é vazado, a circulação dos transeuntes é fluida: de um lado a avenida, do outro um mirante com vista para a Avenida 9 de Julho e o bairro da Bela Vista. O vão tornou-se ponto de encontro na cidade, além de abrigar feiras, exposições, shows musicais e manifestações políticas. Jovens, moradores de rua, artistas e transeuntes ocupam diariamente o lugar, como se fosse uma praça pública.

Figura 6 – Banco no Itaú Cultural com motivo da “Ocupação Ilê Aiyê”



Fonte: Sbampato, Lucía (2018).

Figura 7 – Vão do MASP



Fonte: Sbampato, Lucía (2018).

O prédio do IMS Paulista também está suspenso no ar. O térreo do instituto é denominado “Praça IMS”, gerando um ingresso descomplicado para as pessoas que andam pela rua. As escadas rolantes conectam o térreo com os outros andares do prédio, em que se encontram as salas de exposição, o cinema, um café e as salas para oficinas e capacitações. No entanto, como o prédio está cercado por edifícios, a praça fica mais oculta se comparada com o vão livre do MASP, além de ter uma superfície menor e sua integração física e visual com a cidade ser menos envolvente.

Além dessa troca de mão dupla, no nível do solo, entre a avenida e os equipamentos culturais, duas instituições propõem para os visitantes uma experiência peculiar em relação à avenida e à cidade: poder olhá-la desde as alturas. O Sesc Avenida Paulista pensou sua cobertura como um mirante; é possível subir no último andar e ter uma vista privilegiada da Paulista, assim como de várias áreas de São Paulo. No caso do IMS Paulista, no seu segundo andar, projetou-se um balcão de frente para a avenida, que permite que se olhe de um ponto de vista diferente para a via e a cidade. Poder olhar a cidade desde uma perspectiva menos habitual, provoca uma vivência especial para seus moradores e visitantes. Cabe ressaltar que o acesso aos dois mirantes é livre e gratuito.

Como já foi indicado anteriormente, a própria avenida aberta aos domingos propõe uma ocupação do espaço fora do comum, fora das regras espaciais acordadas para os outros dias da semana e que regulam a ocupação do espaço público urbano em geral: a rua é dos carros, a calçada é dos pedestres. Da mesma forma que na maioria das vias das metrópoles, existe uma diferença de altura para sinalizar a divisão entre rua e passeio, projetando este último com alguns centímetros de altura a mais para tornar claro o limite entre ambos. Do mesmo modo, os materiais utilizados são diferentes: se a rua é de asfalto ou paralelepípedos, as calçadas são decoradas com lajotas, revestimento de pedra, calcário, formando desenhos em mosaico com diferentes cores de pedra e outras soluções apropriadas para o caminhar dos transeuntes. Aos domingos e feriados, na Paulista, essa diferença se evapora: a rua se torna uma extensão das calçadas. O limite estabelecido na proposta física-material original do espaço não condiz com as práticas e usos realizados esses dias. A liberação da via para os pedestres permite

que seja ocupada com diversas práticas autônomas, programadas e também espontâneas, como atividades esportivas, rodas de música, manifestações políticas e extensões das agendas culturais dos equipamentos que se encontram na avenida. Também, como foi sinalizado previamente, a condição plana do logradouro reforça ainda mais a possibilidade de um andar fluido pela cidade.

Dessa forma, as diversas manifestações culturais que acontecem na Paulista, nos equipamentos culturais e no espaço público, têm a possibilidade de ocupar um papel central na resignificação do espaço urbano e no estímulo do convívio coletivo em áreas públicas. A cultura e a apropriação de espaços desperta movimentos relevantes para refletir sobre a humanização das cidades. Quando a arquitetura e a organização dos espaços contemplam o público, minimizam a divisão interior/exterior e se atentam aos usos possíveis por parte da sociedade, o impulso para essa humanização é ainda maior.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Avenida Paulista é uma síntese das transições e mudanças que aconteceram nas últimas décadas nas cidades. O foco em conhecimento, informação, cultura e inovação se torna palpável nesse logradouro. São muitas coisas acontecendo de forma contínua, uma ao lado da outra, convertendo a Paulista em um corredor urbano, informacional, de poder e cultural de importância central na vida paulistana. Bancos, cinemas, discursos, museus, carros, transeuntes, prédios residenciais, vendedores, trabalhadores, informações, escritórios de empresas multinacionais, shoppings, turistas, símbolos, lojas, ciclistas, livrarias, botecos e bancas de jornal ocupam e convivem no espaço. Por causa dessa aglomeração de atividades e imaginários, a Paulista pode ser pensada como um corredor, uma concatenação viva e mutável de fluxos e práticas que constroem e desconstroem a cidade no nível material e simbólico.

A diversidade de manifestações culturais que são vivenciadas na Avenida Paulista converte-a em um local díspar e de múltiplos sentidos. A programação de exposições, oficinas e instalações culturais e os tipos de equipamentos culturais localizados ao longo dos seus quase três quilômetros de extensão são numerosos e heterogêneos. Por esse motivo, destaca-se como polo de lazer e cultura na cidade.

Além disso, sua abertura para os pedestres aos domingos e feriados transformou-a em um equipamento cultural em si mesmo, gerando possibilidades de descoberta, expressão e convívio público para os moradores e visitantes. Novas lógicas de inclusão e exclusão surgem dessa junção entre a cultura e o urbano, enchendo a avenida de dinâmicas renovadas, que são um motor transformador para o espaço. Todas essas manifestações convivem na Paulista e, ao mesmo tempo, disputam por atenção e por manter um lugar no logradouro.

A arquitetura e a organização do espaço desempenham uma função vital quando se pensa em locais plurais e integradores em que diversos indivíduos se encontram e convivem como pessoas públicas. O desenho do espaço físico-material possibilita, condiciona e limita o desenvolvimento de práticas e manifestações, criando pontes e hiatos entre a cidade e a sociedade, bem como entre a cidade e os equipamentos culturais. Expressões culturais colaboram na revisitação de conceitos e formas de enxergar a organização do ambiente. Também o modo em que os museus e centros culturais são projetados colabora ou atrapalha a aproximação entre as pessoas e a cidade.

Para finalizar, é importante ressaltar o caráter polifônico da Avenida Paulista. Ela é polifônica na sua essência; sempre foi e sempre será várias avenidas em uma só. As cidades são um sem-fim de significados e significantes. Cada pessoa, cada instituição, tem várias visões, vários discursos, para nomeá-la e vivê-la. Não é possível fixar um único significado do que se entende por metrópole; são infinitas vozes onipresentes que a percorrem e mobilizam ao longo do tempo. Cada significado impacta na construção e desconstrução do tecido urbano na esfera material e na esfera discursiva.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Semiologia e urbanismo. In: _____. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fones, 2001. p. 219-231.

BAUMAN, Zygmund. Tempo e espaço. In: _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 107-149.

BRUNO, Mariana. Av. Paulista recebe evento inspirado no Museum Mile de NY. **Casa Claudia**, São Paulo, 9 mar. 2018. Disponível em: <<https://casaclaudia.abril.com.br/agenda-casa-claudia/av-paulista-recebe-evento-inspirado-no-museum-mile-de-ny>>. Acesso em: 3 dez. 2018.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CASA DAS ROSAS. Site institucional. Disponível em: <<http://www.casadasrosas.org.br>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

CENTRO CULTURAL FIESP. Site institucional. Disponível em: <<http://centroculturalfiesp.com.br>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

FRISBY, David. **Paisajes urbanos de la modernidad**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes: Prometeo, 2007.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Ciudades multiculturales y contradicciones de la Modernidad. In: _____. **Imaginarios urbanos**. Buenos Aires: Ediciones Eudeba, 1999. p. 69-104.

_____. Imaginários culturais da cidade: conhecimento, espetáculo e desconhecimento. In: TEIXEIRA, Coelho (Org.). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminárias: Itaú Cultural, 2008, p. 15-30.

HARVEY, David. **A Justiça social e a cidade**. São Paulo: Hueitec, 1980.

IMS PAULISTA. Site institucional. Disponível em: <<https://ims.com.br/unidade/sao-paulo>>. Acesso em: 29 nov. 2018

ITAÚ CULTURAL. Site institucional. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>>. Acesso em: 29 nov. 2018

JAPAN HOUSE. Site institucional. Disponível em: <<https://www.japanhouse.jp/saopaulo>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO – MASP. Site institucional. Disponível em: <<https://masp.org.br>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

MENON, Isabella. Avenida Paulista faz intercâmbio cultural inspirado em Nova York. **Folha de São Paulo**, 9 mar. 2018. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/03/avenida-paulista-faz-intercambio-cultural-inspirado-em-nova-york.shtml>>. Acesso em: 3 dez. 2018.

MIRANDA, D. Reflexões sobre o papel da cultura na cidade de São Paulo. In: **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 105-110, out./dez. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2018.

PAULISTA ABERTA. Site institucional. Paulista Aberta: por uma São Paulo mais humana. Disponível em: <<https://www.paulistaaberta.minhasampa.org.br>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SESC PAULISTA. Site institucional. Disponível em:<https://www.sescsp.org.br/unidades/9_AVENIDA+PAULISTA>. Acesso em: 29 nov. 2018.

SIMMEL, Georg. La metrópolis y la vida mental. **Bifurcaciones**: revista de estudios culturales urbanos. Talca: Universidad Católica del Maule, n. 4. Disponível em: <<http://www.bifurcaciones.cl/004/reserva.htm>>. Acesso em: 10 out. 2018.

THOMPSON, John B. O conceito de cultura. In:_____. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 167-220.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 153-155, fev. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 nov. 2018.